

Literatura na Escola de 1º e 2º Graus: Por um Ensino não Alienante

MARIA DA GLÓRIA BORDINI*

I — LITERATURA NA ESCOLA: PASTEURIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO

A experiência empírica de qualquer leitor habitual comprova as palavras de Osman Lins, em *Guerra Sem Testemunhas*, de que a leitura é “uma necessidade normal do ser humano, indispensável à vida interior” e de que o leitor avisado “exigirá do livro a mercê de elevá-lo por cima de todas as coisas e de revelar seu espírito a si mesmo, tornando-o mais sensível a tudo o que existe” (p. 154). Com efeito, ler é conhecer, mas também conhecer-se; é integrar e integrar-se em novos universos de sentido; é abrir e ampliar perspectivas pessoais; é conscientizar-se de um papel individual e coletivo na sociedade; é descobrir e atualizar potencialidades.

As qualidades educativas da leitura têm sido reconhecidas desde que a imprensa multiplicativa se tornou uma realidade. Basta lembrar os períodos de sonegação dos textos ao consumo popular que marcaram as culturas autocráticas ao correr da História. Se, na verdade, o livro é um intermediário entre o que lê e o mundo, gera laços sociais e políticos, tanto quanto serve de interlocutor constante, a enriquecer a apreensão da realidade e as possibilidades auto-expressivas. Por isso, em especial no Ocidente, a cultura letrada tomou e continua mantendo um lugar exponencial na Educação, seja formal ou informal.

Dentre as variadas modalidades de textos escritos, os ficcionais adquirem, no cenário educacional, uma função única: aliam à informação o prazer do jogo, envolvem razão e emoções numa atividade integrativa,

* Professora do Curso de Pós-Graduação em Letras e pesquisadora do Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

conquistando o leitor por inteiro e não apenas na sua esfera cognitiva. Por isso, os textos ficcionais — aqui entendidos como os que geram sentidos independentemente de referentes, ou seja, o conto, o romance, o poema, a peça teatral — têm sido desde há muito eleitos para veicular outros propósitos educativos a eles exteriores. Assim, usam-se obras literárias como estímulo para a aquisição de noções de História, Ciências e privilegiam-se aqueles livros que reforçam as ideologias dominantes.

A prática mais comum, no Brasil, no âmbito escolar, é o aproveitamento do texto literário para o aprendizado de língua. Com longa tradição, que remonta aos tempos coloniais, em que os clássicos portugueses, encabeçados por Camões, serviam de modelo e fonte de inspiração aos jovens estudantes de Humanidades nos colégios dos jesuítas, essa tendência se prolongou pelos dois reinados e ainda hoje os livros didáticos citam trechos de escritores, agora brasileiros mas nem sempre modernos, para deles extrair normas gramaticais.

Tal atitude seria aceitável — a literatura de um país certamente representa e renova sua língua —, não fosse o excessivo zelo em visualizar apenas os aspectos lingüísticos das obras, em detrimento da captação global de seu sentido. Acresce o fato, tantas vezes denunciado por Orman Lins, em seu *Do Ideal e da Glória: Problemas Inculturais Brasileiros*, de que a seleção de autores didatizados nas gramáticas e livros-texto de Comunicação e Expressão raras vezes ultrapassa o trivial e freqüentemente estabelece como modelares os textos menos comprometidos com a sociedade atual, quando não pasteuriza seu conteúdo, valendo-se de ilustrações inócuas ou informações contextuais sobre a vida e obra do escritor parcializadas pelo intento de manter “inocente” a geração moça.

À crítica de Osman Lins, que, além disso, aponta para a perigosa fragmentação que sofrem as obras ao serem recortadas sem critérios no livro didático, e amontoadas de modo a não permitir um senso de mudança histórica na literatura, têm se juntado outras, mais recentes, que salientam o estado lastimável dos estudos literários nas escolas, em que o mais comum é evitar o texto e substituí-lo por biografias de autores, caracterização de períodos, resumos de enredos, análises e apreciações desvinculadas do contato direto com o livro que deveria fazê-las nascer. Essas atividades ao redor do texto costumam adquirir uma conotação negativa, pois o estudante as toma como sucedâneo da

leitura da obra em estudo, mesmo quando seus professores lhe exigem essa leitura. Os resultados são as colchas de retalhos copiadas de livros de crítica ou história literária, ou as malfadadas fichas de leitura preparadas pelos editores de edições paradidáticas, que, uma vez preenchidas por algum aluno melhor leitor, passam de mão em mão sem que se faça necessária a presença da obra.

Tais atitudes em relação ao texto literário por parte da escola explicam sobejamente a chamada síndrome de rejeição ao livro. Diante da falta de significação da leitura como é imposta ao estudante, não é de admirar que este se afaste dela tão logo lhe seja possível, que maneje canhestramente as habilidades de compreensão e interpretação, que possua ínfimos recursos técnicos e ideativos ao escrever e que demonstre um empobrecimento gradual e cumulativo dos processos de comunicação e da linguagem.

Quando é sabido que “nenhuma, dentre as artes conhecidas, exige do apreciador mais do que a literatura” (*Guerra Sem Testemunhas*, p. 153) e que o leitor, diante de uma obra de arte literária, necessita de “informes sobre história da arte e evolução dos estilos, experiências anteriores, sensibilidade exercitada, noção dos cânones” (id. p. 154), como é possível pensar-se num ensino da literatura que prescinde de um *back-ground* cultural, que foge do texto integral, ou, quando não o faz, estiliza-o através de análises formais cansativas, antes de proporcionar ao aluno o raro “prazer do texto” de que fala Barthes?

2 — AS EXPECTATIVAS DO ALUNO

Para traçar as metas do ensino da literatura na escola é preciso conhecer antes o aluno. Se o livro não existe senão para ser lido, o respeito à individualidade do leitor, a seu grau de maturidade, a suas preferências, está na razão direta do sucesso dos esforços no sentido da formação e manutenção do hábito da leitura. Educar tem sido definido como modificar comportamentos, mas em nada resulta a ignorância ou o preconceito quanto ao comportamento de entrada do aluno. Uma sondagem efetiva, baseada na observação aberta das atitudes do aluno em sala de aula, defrontado com o livro, será requisito indispensável para o planejamento de estratégias destinadas a incentivar a leitura e a instrumentalizar o estudante para tal atividade.

Certamente existem teorias disponíveis sobre o desenvolvimento psicológico da criança, que podem fundamentar os dados escolhidos pela observação direta. Vejam-se, por exemplo, as descobertas de Jean Piaget sobre a inteligência infantil. Para esse matemático e psicólogo suíço, a inteligência é adaptação biológica à vida, uma constante interação criativa entre o organismo e seu ambiente. Essa interação se apresentaria, exteriormente, pela cópia de comportamentos. Internamente, organizaria as funções do aparato mental. Assim, a cópia adaptativa reorganizaria de modo contínuo as estruturas mentais. Nesse processo, o papel da experiência proveniente do exterior é crucial. Quanto mais riqueza, complexidade e diversidade de estímulos a mente receba de um ambiente favorável, maior acomodação das estruturas mentais às nuances da realidade e à elaboração das funções intelectuais superiores.

Essa teoria da inteligência tem influenciado decisivamente a Educação nas últimas décadas, mesmo no Brasil, onde se refletiu de forma explícita nas diretrizes filosóficas da Reforma de Ensino de 1971. É fácil perceber que qualquer planejamento de ensino que a leve em conta procurará suprir uma farta estimulação ao aluno, adequada a cada estágio de desenvolvimento psicológico, partindo do concreto para o abstrato e da intuição para a lógica.

Encontra-se, entretanto, freqüentemente, aquele educador que torna rígida qualquer teoria, tentando enquadrar seu aluno num esquema conceitual, ao invés de ajustar esse esquema à realidade da classe. Por isso, cabe lembrar que outros recursos, além dos teóricos, devem ser mobilizados para o planejamento e execução de uma tarefa de ensino, recursos que propiciem uma imagem fiel das expectativas do alunado.

Tomem-se, por exemplo, o trabalho de Vera Teixeira de Aguiar, *Que livro indicar?* e a *Pesquisa Sobre Interesses e Hábitos de Leitura Entre Alunos de 2º Grau de Porto Alegre*, patrocinada pelo Instituto Estadual do Livro/SEC/RS, na época sob a direção de Ligia Morrone Averbuck. Tais pesquisas de campo fornecem subsídios importantes para aquele que planeja um ensino de literatura voltado para o aluno. A primeira, abrangendo de 4ª à 8ª séries do 1º Grau, conclui que toda a amostra pesquisada prefere histórias desconhecidas, com muitas ilustrações coloridas, que versem sobre aventuras. A preferência pelos quadrinhos é dominante e a revista sobrepuja o livro conforme cresce a idade e/ou rebaixa-se o nível sócio-econômico. Há grande desinteresse pelo livro didático e acentuada tendência ao texto breve, o que permite

inferir a influência dos *mass media* sobre os consultados. As divergências se encontram mais no plano do conteúdo do que no da forma: vai-se de fantasia para o real, de acordo com o grau de amadurecimento e de afluência econômica, havendo predomínio dos temas maravilhosos entre as meninas.

No 2º Grau, a pesquisa do IEL denota preferência significativa pelo jornal, entre os moços, e pela revista, entre as moças, sendo o livro recreativo mais popular entre estas e os alunos mais jovens. Os autores mais lidos são nacionais e contemporâneos, havendo, entretanto, certa presença de *best sellers* importados. Os temas preferidos são o humorismo, o sexo, o esporte, amor e aventura, ficção científica e psicologia. Dentre os gêneros, o romance e a crônica aparecem em destaque, enquanto a poesia tem os índices mais baixos. Na ficção, o tema e enredo são os aspectos de maior atrativo. A leitura é desarmada e despreocupada e a não leitura é explicada por falta de tempo, ocupado com o estudo ou o trabalho.

De posse desses elementos, é praticável encetar a formalização de uma proposta para o uso e ensino da literatura na escola, que tenha em vista o aluno como ele é e o desenvolvimento de habilidades de leitura a partir de sua realidade. Seriam objetivos educacionais, ligados à leitura e à literatura:

- Estimular atividades sensibilizantes, preparatórias à leitura;
- Desenvolver as capacidades de ler e escrever, como formas de auto-expressão e apreensão do mundo;
- Aproximar o texto da realidade psicológica e social do aluno, como meio de refinamento cognitivo e emocional, bem como socializador;
- Valer-se da tradição literária para o conhecimento da herança cultural, condição indispensável para a atuação inovadora e criadora do aluno em termos existenciais;
- Apurar o senso crítico do jovem leitor em relação aos textos que consome, a fim de que estes lhe abram caminho para a avaliação da realidade e de si mesmo, e para a adoção de opções existenciais com base em seu julgamento.

Tais objetivos caberiam, até o quarto, à escola de 1º Grau, e a partir deste, à escola de 2º Grau.

3 — PROPOSTAS DE ABORDAGEM DO TEXTO LITERÁRIO NO 1º GRAU

O ensino no 1º Grau, segundo as determinações da Reforma de 1971, deve proceder, desde as fases preparatórias dos jardins de infância até a 8ª série, por uma ascensão gradual do conhecimento intuitivo e assistemático para o racional e sistematizado. Assim sendo, o aprendizado da leitura e o posterior contato com a literatura devem assentar sobre atividades empíricas, em que o aluno aprenda insensivelmente, iniciando-se a formalização dos conhecimentos apenas nos anos finais do curso.

Aparentemente tal procedimento pedagógico deveria surtir excelentes resultados, já que se fundamenta em teorias psicológicas e educativas de reconhecida seriedade. No entanto, o que se constata é uma crescente deficiência de habilidades de leitura e, como já foi frisado, um afastamento do texto escrito, preterido por outras formas de entretenimento e informação.

É evidente que o ensino ministrado aos estudantes brasileiros não consegue preencher os requisitos para alcançar um rendimento satisfatório. Se bem que fatores econômico-sociais sejam o peso maior na balança do fracasso de nossa escola, um professor bem informado e dinâmico pode atenuar ou minimizar os efeitos perniciosos de problemas como a miséria, a má nutrição, a doença, a exploração de menores sobre os desempenhos de aprendizagem.

No que tange à leitura e ao ensino da literatura, o requisito básico é que o professor seja um leitor habitual, para quem o livro e a literatura sejam existencialmente significativos. Só então poderá empregar sua criatividade e sua pedagogia para planejar e ministrar um ensino eficaz nessa área.

Todo o início e embasamento do uso da literatura na escola devem ter em conta a necessidade imperiosa de aliciar a criança pequena para o livro, respeitando seu estágio de maturidade, seus interesses e o eventual — e muito freqüente — despreparo para a literatura no seio de sua família. O primeiro passo será sempre a experiência com o livro-objeto, para ser tocado, aberto, folheado, cheirado, olhado e rasgado. Nessa faixa etária, o livro de gravuras precisa vir antes que o livro com textos. As imagens ajudam a adquirir o senso de orientação e de proporção: não se pode lê-las pelo avesso, têm um foco centralizador da atenção e geram sentidos ao simples olhar.

O passo seguinte é a leitura pelo adulto dos textos explicativos das gravuras, da história, da rima infantil. Aqui cria-se um vínculo entre leitor e ouvinte, com o livro como intermediário misterioso de um relacionamento encantatório. A magia de ouvir uma narrativa ou um poema não deve ser quebrada por atividades paralelas antes de se tornar uma espécie de tóxico para o espírito infantil, de que ele necessita para ampliar seus horizontes imaginativos. A seguir é que o jogo, a brincadeira complementar à audição da leitura, podem entrar em cena.

No Currículo Por Atividades esse encantamento com o ficcional precisa estar firmemente estabelecido, para que se inicie o processo de alfabetização. A criança deve ser exposta a inúmeras leituras ou narrativas sem livro, para que se imbua dos mecanismos de organização mental que o texto direciona. Ela ainda não sabe distinguir o principal do secundário, não sabe circunscrever elementos num espaço e ordená-los. Todavia, o livro lido, ou a história ou poema contados, apresentam-lhe um universo com princípio e fim, um cosmos que lhe permite adonar-se da palavra escrita pouco a pouco.

Só depois pode-se fazer a associação do som e do signo gráfico. Ler é viver: a decodificação dos signos deve dizer algo vital para aquele que a aprende. Por isso, a fase de alfabetização e pós-alfabetização é crítica. A criança está fascinada pelo mistério dos signos escritos, empenha-se com toda a seriedade na complexa tarefa de decifrá-los e reproduzi-los, muitas vezes com ansiedade e angústia. Se a técnica de alfabetização não surte efeitos positivos num período de tempo compatível com a manutenção desse ímpeto infantil, aparecem os quadros de rejeição, com a conseqüente semi-alfabetização, que perseguirá o adulto para vida afora.

Aqui é importante um trabalho paralelo de preservação do encantamento com o texto, que alivie a tensão originada pelo aprender a ler e escrever e que, tão logo a criança consiga decifrar o código escrito, lhe proporcione textos breves, que ela possa entender, e que digam respeito a sua vida. Pouco a pouco, abandonará a leitura mecanizada, se o conteúdo do que lê lhe permitir a volta ao fascínio interrompido pela árdua empresa da alfabetização. Afinal, é uma regra do senso comum a de que o leitor precisa identificar-se com o escrito para lê-lo fluentemente.

Já entre a 4ª, 5ª e 8ª séries, as circunstâncias mudam. A criança, habituada à leitura-jogo, deve dar um passo ainda mais penoso do que o da

alfabetização: precisa iniciar a formalização da aprendizagem da literatura. A leitura-interpretação lhe é exigida. O jogo se torna um dever: o livro para a descoberta do mundo, dócil e fluente, torna-se o livro que dirige a descoberta, que classifica o mundo e a experiência. Comparar livros, contrastar histórias, captar sua essência são tarefas mais exigentes e mais difíceis. Não admira que na pré-adolescência haja um outro período de retração à leitura. Associando-se à rebeldia nascente na criança adolescente ante o mundo adulto ao mesmo tempo tentador e hostil, está a rebeldia do texto, que lhe escapa, que lhe toma o tempo, mesmo quando lhe aponta caminhos e lhe fornece chaves.

Para essa criança de 5ª à 8ª séries o livro deve falar sobre sua circunstância, sobre a vida social e tecnológica que a rodeia, antes de abrir-lhe as portas do passado. Essa literatura não pode ser falsificadora. Deve ser verdadeira, incitar ao movimento e à renovação de idéias e condicionamentos. Apenas dessa forma será superada a crise motivada pelo abandono do livro-jogo em benefício do livro-dever. Se a leitura for vista exclusivamente como uma receptividade passiva, sem possibilidades de intervenção criadora, nunca se erigirá em prática o alvo final do 1º Grau.

O somatório de todas essas atitudes em relação à leitura e à literatura provavelmente redundará, ao término do 1º Grau, num aluno que aceita a distinção entre leitura-trabalho e leitura-lazer com naturalidade, que vê o livro e o escritor como seres integrados no seu mundo cultural pessoal, e que será capaz, no decorrer da vida, se não puder continuar os estudos, de auferir continuamente as vantagens formativas, críticas e criadoras da leitura.

4 — O ENSINO DE LITERATURA NO 2º GRAU

Ao atingir a adolescência, o aluno se torna contestador, perplexo, instável e avesso à ação pedagógica. Ingressando no 2º Grau, ver-se-á encurralado entre as solicitações do meio adulto, de escolher um caminho profissional e estabelecer um estilo de vida independente da família, e as incertezas da conquista de seu corpo e de sua mente e da integração em sua geração.

O currículo do 2º Grau providenciará simplesmente em capacitar esse estudante para ocupar o seu lugar no mercado de trabalho e obter logo um meio de sustento. As diretrizes curriculares atinentes à Língua e Literatura tomam como já vencida a etapa de domínio dos conteúdos de

ambas as áreas e reservam um mínimo de espaço para os aspectos literários, salvo em opções profissionalizantes como a de professor de 1ª à 4ª séries, que ainda se ocupam com o estudo da literatura de forma mais visível.

Como os resultados até agora alcançados com a tendência profissionalizante no curso médio têm sido irrisórios (a habilitação proporcionada aos alunos não está à altura das expectativas do mercado de trabalho, nem satisfaz os anseios de progresso social e econômico do jovem adulto), é possível que a curto prazo a conformação curricular mude de aspecto, restituindo aos estudos de língua e literatura portuguesa a sua primitiva — e real — importância.

Na adolescência, o estudante já deveria ser capaz de expressar-se com eficiência oralmente e por escrito, ordenando de forma lógica o pensamento e utilizando o registro pertinente de fala. Seu aparato cognitivo permite a operação com categorias abstratas, o que possibilita a introdução de conceitos teóricos na área literária. Por outro lado, a internalização do hábito da leitura deveria torná-lo facilmente suscetível à ampliação de seus interesses quanto a livros: o mundo o chama com voz irresistível e ele já aprendeu que a literatura amplifica essa voz.

Como, porém, ele se ensaia no exercício do pensamento reflexivo e o faz predominantemente pela crítica, não raro demolidora, a exorcizar seus aspectos infantis, todo o cuidado é pouco em termos de constituição de programas literários. O ensino da literatura de língua portuguesa é exigência do sistema oficial, com o sadio propósito de proteger a cultura nacional. Todavia, a restrição aos textos brasileiros, e, às vezes, portugueses, impedirá o aluno de perceber os vínculos entre sua tradição literária e a da civilização ocidental que a conformou. Assim, uma seleção de ambas se faz necessária, dando-se preferência aos autores que moldaram a arte literária do Ocidente, um Homero, um Cervantes, um Shakespeare, um Dostoiévski e tantos outros, ao lado dos expoentes de língua portuguesa, da Camões a Drummond. É desnecessário mencionar que os textos, mesmo de grandes escritores, deverão ter algo a dizer ao adolescente, incitá-lo à discussão e abalar seus preconceitos.

Dependendo do nível cultural prévio do estudante de 2º Grau, a experiência com tais autores deverá ser precedida pelo contato com os degraus intermediários da literatura, os bons autores da ficção chamada menor (o romance policial, a ficção científica, etc.), que suprirão a base para o salto à ficção maior e à lírica. A propósito da poesia, a adoles-

cência, com a sensibilidade exacerbada pelo embate com a novidade do mundo, é campo fértil para a lavra poética, desde que não a sufoquem com as produções banais ou artificiosas dos poetas menores.

A concentração num mínimo de textos exemplares e a interpretação aprofundada desses textos serão mais factíveis e rendosas do que a ênfase na periodização literária. Haverá a necessidade de informar o aluno de certos recursos oferecidos pelas teorias literárias, para provê-lo de instrumentos de análise textual. A dosagem dessa carga de informação, contudo, dependerá do que o estudante já identificou empiricamente. No ensino médio não se esperará que o aluno empreenda análises sofisticadas do fenômeno literário, a serem reservadas para o curso universitário. Bastará que se movimente com perspicácia no interior da obra, sabendo nomear o que compreende e fundamentar objetivamente o que interpreta.

Tanto o instrumental teórico quanto a história literária não deverão jamais tomar o lugar da experiência com o texto. É preferível que os alunos leiam e interpretem as obras com menos pretensões e maior fruição a enterrá-los em escolas e códigos literários, esquemas de articulação da narrativa, estratos sonoros e outros, sem a anterior vivência do texto.

Garantindo-se o primado da obra na organização do ensino de literatura no 2º Grau, se estará preservando o laço inicial entre leitor e realidade que o livro fornece e que foi anteriormente salientado como a condição indispensável para fazer da leitura uma atividade cheia de sentido para o adolescente. A formalização e extensão dos conhecimentos literários, a essa altura da vida do aluno, é recomendável, desde que não se torne motivo para uma nova crise de rejeição ao livro, que desta vez dificilmente será superada ao nível imediatamente superior de ensino, a Universidade. É conveniente lembrar, também, que a grande massa dos alunos de 2º Grau não alcançará os bancos universitários e que daí por diante viverá com o amor ou a aversão que tiver tomado aos livros nessa fase.

5 — A LEITURA PARTICIPANTE

Adverte Osman Lins, em seu *Do Ideal e da Glória* (p. 35), que é preciso “não esquecer que muitos dos alunos têm nos livros escolares sua única razão de literatura e o único meio de chegar a conclusões sobre

o que são as letras e os escritores''. Essa realidade, tantas vezes ignorada pelos planejadores educacionais e pelos próprios professores, deveria ser suficiente para determinar a valorização do estudo da literatura na escola. A maior parte da população não conclui o 1º Grau no Brasil e apenas uma minoria favorecida pela circunstância econômica chega à Universidade. Dotar-se o aluno com o máximo de oportunidades para entrar em contato com textos integrais dos grandes autores mundiais e brasileiros, o mais cedo possível, ou pelo menos assegurar-lhe o hábito da leitura inteligente, que se autodetermina e se amplia, deveriam estar entre os alvos principais do sistema educacional, a todos os níveis.

Ensinar a ler o texto, compreendendo-o, situando-o no seu contexto e atualizando seus valores constitui o verdadeiro balizamento do esforço educativo em língua portuguesa, desde que se tenha em vista o efetivo crescimento lingüístico e cultural da juventude. A obra de ficção se explica a si mesma e explica o mundo, mesmo para o leitor desarmado. Se o estudante criança e o estudante adolescente forem privados de textos literários em seus anos de formação, ou se a presença de tal espécie de textos for insignificante entre as demais exigências da escola, ter-se-á um adulto com a imaginação anestesiada, de recursos lingüísticos limitadores e com uma visão de mundo circunscrita ao imediato e ao próximo.

Ler, dentro do processo educacional, é *conditio sine qua*. Ler literatura, entretanto, não é apenas penetrar em universos de fantasia: é humanizar-se, reconhecer-se. O escritor, continua Osman Lins (id. ib), é um homem que "mais do que ninguém, ausculta o seu povo; que renuncia a muitas coisas, impulsionado por uma necessidade profunda de expressão; que sonda as possibilidades vivas da língua; que encara o ato de viver como algo de grave e procura, para isso, cercar-se de um silêncio criador, onde é possível escutar mais claramente a sua própria voz e a voz de seus irmãos", é alguém que "assume a tarefa de pôr toda a sua capacidade de percepção a serviço de uma interpretação". Conhecer o produto e o modo de produção dessa espécie de homem será reviver a mesma postura de lucidez, será perfazer um caminho difícil, mas já palmilhado, para o entendimento. Por isso a leitura participante de literatura é um imperativo da educação individual e social. Sem ela, essa educação será pequena, pois cega-se à evidência de que ser humano é, em essência, produzir sentidos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — AGUIAR, Vera Teixeira de *Que livro indicar?* Interesses do jovem leitor. Porto Alegre, Mercado Aberto/IEL, 1979.
- 2 — EISENBERG, Leon. Normal child development. In: FREEDMANN, Alfred M.; KAPLAN, Harold I. & SADOCK, Benjamin J. *Comprehensive textbook of psychiatry*. 2. ed. Baltimore, The Williams & Wilkins Co., 1975. v. 2.
- 3 — FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Sobre o ensino da literatura infanto-juvenil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 36:74-82, jun. 1979.
- 4 — GAMARRA, Pierre. *La lecture: pour quoi faire?* 2. ed. s.l., Castermann, 1974.
- 5 — LINS, Osman. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. 2. ed. São Paulo, Summus, 1977.
- 6 — ————. *Guerra sem testemunhas; o escritor, sua condição e a realidade social*. São Paulo, Ática, 1974.
- 7 — MARQUARDT, Lia Lourdes. A leitura extensiva como meio para despertar o gosto pela leitura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 24: 72-78, jun. 1976.
- 8 — SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Assuntos Culturais. Instituto Estadual do livro. *Pesquisa sobre interesses e hábitos de leitura entre alunos de 2º Grau de Porto Alegre*. Porto Alegre, IEL/DAC/SEC/RS, 1975.

ANEXO — SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O ENSINO DE LITERATURA NO 1º E 2º GRAUS

PERÍODO PRÉ-ESCOLAR

OBJETIVOS:

- Sensibilizar a criança para o livro.

PRESSUPOSTOS MATERIAIS:

- Pais e professores leitores.
- Existência de livros acessíveis à criança.

- Variedade de textos narrativos e poéticos.
- Tratamento informal, lúdico.
- Textos breves.
- Predomínio da fantasia sobre a informação.
- Utilização do absurdo lógico.
- Textos fartamente ilustrados.
- Temática abrangendo animais, crianças, objetos do cotidiano, seres sobrenaturais.

ESTRATÉGIAS SUGERIDAS:

- Contar histórias à criança, com apresentação de gravuras pertinentes.
- Contar histórias à criança, desenhando personagens e cenas no quadro, ou no solo, ou em papel pardo em rolo.
- Levar a criança a narrar histórias de seu cotidiano.
- Levar a criança a inventar personagens e/ou ações, concretizando-os por meio de dramatização, desenho ou escultura em barro.
- Narrar histórias apoiadas na apresentação de diapositivos e com acompanhamento musical.
- Criar músicas para uma história dada ou um poema.
- Dramatizar um poema ou narrativa com as crianças agindo como atores.
- Memorizar poemas infantis curtos.
- Brincar de rima ou de anáfora.
- Brincar de refrão.
- Marcar o ritmo de um poema com palmas ou gestos corporais.
- Brincar com aliteraões, repetindo ou completando seqüências de sons.
- Visitar a biblioteca escolar seguidamente.
- Organizar cantos de leitura em classe.
- Entregar livros ilustrados às crianças, deixando-as inventarem a história ou comentarem livremente entre si o que vêem.
- Encenar com a criança a técnica de abrir e folhear o livro, preservando a integridade deste.
- Emprestar livros para a criança levar para casa (zelando pela conservação e pelo cumprimento do prazo de entrega).
- Presentear a criança com livros.
- Ler histórias, permitindo que a criança intervenha, pedindo esclarecimento ou expressando emoções.

AVALIAÇÃO:

- Observar reações que indiquem compreensão do texto.
- Observar a participação espontânea da criança nas atividades.
- Observar o desempenho psicomotor nas atividades.
- Observar o nível de envolvimento emocional da criança ante o texto oferecido, através de atitudes manifestadas.
- Observar o conteúdo de desenhos, figuras de barro e outras atividades de artes plásticas para verificar a compreensão do texto.
- Observar a brincadeira espontânea da criança após o contato com o texto, para medir seu impacto.

CURRÍCULO POR ATIVIDADES

OBJETIVOS:

- Desenvolver as capacidades de ler e escrever.
- Proporcionar meios de inserção gradativa no mundo concreto, social e natural.
- Apurar a percepção simbólica.
- Desenvolver as capacidades de classificação, ordenação e enumeração.

PRESSUPOSTOS MATERIAIS:

- Professores ledores.
- Existência de textos acessíveis à criança.
- Predomínio da fantasia sobre a informação.
- Textos mais longos, ainda bastante ilustrados.
- Temática do maravilhoso, fadas, super-heróis, fantasmas, gnomos, seres do folclore brasileiro, mitos clássicos e indígenas.
- Recurso ao humor e ao cômico ou ao trágico.
- Variedade de textos narrativos e poéticos ao alcance da criança, clássicos e modernos.
- Atenção às preferências e interesses demonstrados em classe ou através de fichas de movimentação de livros na biblioteca.

ESTRATÉGIAS SUGERIDAS:

- Ler textos integrais às crianças em processo de alfabetização, motivando-as para a aquisição da leitura e da escrita.
- Promover a alfabetização e o desenvolvimento de técnicas de leitura

como uma atividade séria, não apenas lúdica, que dará acesso ao mundo da palavra escrita.

- Chamar a atenção para o livro pela fixação nos corredores ou salas de aula de cartazes sobre títulos novos, expondo gravuras integrantes de livros existentes na biblioteca, ou afixando listas de novas aquisições ou de livros de interesse momentâneo.
- Formar clubes de leitura, de mútuo auxílio, em que os sócios se cotizem para comprar livros e organizem atividades em volta do livro, contactando editores, autores, livrarias e bibliotecas.
- Estimular a frequência à biblioteca sob todos os pretextos (pesquisas sobre as matérias de estudo, forma de distração, consulta a obras de referência, jogos de tira-a-dúvida) para que o livro seja encarado como auxiliar prático no cotidiano.
- Instituir a hora de leitura diária, oral ou silenciosa, acompanhada de atividades paralelas:
 - contar histórias;
 - memorizar poemas;
 - discutir livros lidos em casa;
 - representar por atividades de artes plásticas um poema ou narrativa lidos;
 - dramatizar livros lidos;
 - apresentar aos alunos livros novos, descrevendo parte do conteúdo para suscitar a curiosidade;
 - contar trechos de histórias pedindo que o aluno os complete;
 - interromper a narrativa para que o aluno leia o restante;
 - concluir ou modificar o desfecho de narrativas por escrito;
 - trazer autores para a sala de aula, a serem questionados pelos alunos, que previamente terão lido e discutido seus textos;
 - trazer autores ou atores para contarem histórias aos alunos.
- Formar estantes de classe, com títulos sugeridos pelo professor e pelos alunos, em que todos se cotizem para adquirir livros, com manutenção e controle entregues aos alunos, através de fichários, material de conservação, etc.
- Aprender histórias ou poemas para contar para outras turmas, ou para crianças hospitalizadas, ou que estejam em creches e instituições de caridade.
- Verificar o nível de compreensão dos textos manifestado em trabalhos de artes plásticas e teatro ou em depoimentos ou exercícios escritos.

- Observar o grau de participação do aluno nas horas de leitura e suas variações, o que indicará a eficácia das estratégias.
- Observar as atitudes sociais do aluno nos clubes de leitura ou no uso das bibliotecas de classe e outras.
- Medir a transferência do conteúdo dos livros para a vida prática: no recreio, na interação social em aula, na vida imaginativa.
- Observar as contaminações entre literatura e as matérias do Currículo por Atividades, para avaliar o grau de discriminação entre fantasia e realidade que a criança manifesta.
- Verificar a eficiência das classificações infantis dos componentes dos textos no contato com os autores, na discussão coletiva, nos trabalhos de representação plástica ou nos escritos: heróis das histórias, ações desses heróis, cenário, tempo histórico, estados de espírito, textos engraçados ou tristes (classificação não formal).
- Verificar a captação da ordenação lógica do texto nas atividades de re-criação propostas.

CURRÍCULO POR ÁREAS

OBJETIVOS:

- Aprimorar habilidades de leitura e escrita.
- Apurar a estruturação do pensamento em termos de ordenação lógica.
- Auxiliar a inserção do aluno no mundo social e natural, como consciência que se descobre ao descobrir o outro.
- Promover o conhecimento do presente e do passado da comunidade e da nação.

PRESSUPOSTOS MATERIAIS:

- Professores leitores.
- Existência de livros acessíveis à criança.
- Diversidade de textos nacionais e estrangeiros, clássicos e contemporâneos.
- Temática de aventuras: em lugares próximos ou distantes, ligadas ao domínio da natureza e às relações de poder.
- Predomínio da informação sobre a fantasia.
- Obras realistas de caráter sentimental ou sensacional, exaltando qualidades morais, bravura, força, paixão.

- Personagens humanos, crianças e adultos, que atuam em grupos.
- Textos mais longos, com menor carga de ilustrações ou sem ilustração.

ESTRATÉGIAS SUGERIDAS:

- Manter a hora de leitura, mais espontânea.
- Incrementar o domínio das técnicas de acesso ao livro: visita a livrarias ou bibliotecas públicas, levantamento de lugares onde se vendem ou se emprestam livros na comunidade, consulta às colunas de livros de jornais e revistas, cartas a editores.
- Instituir sessões de discussão em grupo de leituras espontâneas, feitas em casa, com relatórios escritos dos tópicos abordados pela equipe.
- Incentivar o contato com o mundo cultural e literário da cidade e do País, através da busca de notícias sobre livros e autores do momento nos meios de comunicação de massa.
- Comparar adaptações para teatro, cinema ou televisão com os textos originais e discutir as mudanças, coincidências e ampliações.
- Levar o aluno a buscar as referências do texto lido: como é o mundo narrado e o mundo fora do texto, cotejando atitudes e atos dos personagens, linguagem poética e comunicativa, valores divergentes, informações científicas e ficcionais, costumes e crenças dentro e fora do texto.
- Enfatizar as atividades de escrita como expressão de posições individuais e grupais acerca dos mundos descobertos na leitura.
- Comparar textos do presente com os do passado, sem preocupação com estilos e recursos compositivos, mas focalizando em especial os sentidos veiculados, para verificar diferenças de época e compreender a origem de fatos atuais.
- Questionar a conduta dos personagens ou as afirmações dos textos, enlaçando-as com a realidade vivida, sem propor padrões modelares.
- Colocar o aluno "no lugar de", recriando a história.
- Introduzir as noções de gênero e período literário, partindo das descobertas obtidas no cotejo de textos clássicos e modernos, narrativos e poéticos ou dramáticos.
- Relacionar os textos com as condições históricas em que foram produzidos, buscando dados sobre a vida social e cultural da época,

através de pesquisa bibliográfica ou de consulta a pessoas-fonte, como outros professores, críticos literários, grandes leitores, etc.

AVALIAÇÃO:

- Verificar a proficiência das manifestações por escrito.
- Observar a seqüência lógica do pensamento em discussões de grupo, redações, relatórios, exercícios orais e escritos.
- Coletar índices de fixação do hábito da leitura: busca espontânea de livros ou de informações sobre estes; aquisição ou empréstimo de títulos não determinados pelo professor; ampliação de interesses anteriores de leitura.
- Verificar se o aluno distingue componentes, gêneros e época ou fases a que um texto específico pertence.
- Apreciar o progresso ideativo, auferido através do contato com os textos, nos trabalhos orais e escritos em outras áreas.
- Comprovar se o aluno já possui uma noção estruturada de sua herança cultural e se a valoriza em relação à contribuição estrangeira ou a seu presente, em suas conversas, produções artísticas ou artesanais e conhecimentos de outras áreas ou em seu trabalho extra-escolar.

CURRÍCULO POR DISCIPLINAS (2º GRAU)

OBJETIVOS:

- Iniciar o estudo teórico da literatura como condição para a interpretação e crítica textual.
- Familiarizar o aluno com sua herança cultural e a sua contemporaneidade.
- Incentivar a formação do senso crítico frente à realidade.
- Apurar a percepção estética.
- Habilitar a reconhecer valores.
- Desenvolver a capacidade de pensamento reflexivo.
- Estimular o pensamento criativo.
- Formalizar conhecimentos literários.

PRESSUPOSTOS MATERIAIS:

- Professores ledores.

- Hábito de leitura já fixado.
- Técnicas de leitura adquiridas, bem como as de acesso aos textos.
- Textos longos, sem ilustrações, escritos para adultos.
- Temática de aventura, menos materialista, admitindo a introspecção.
- Romances sobre fatos históricos, sobre vidas de pessoas, sobre as grandes questões existenciais.
- Poemas de conteúdo social, engajado, ou sobre preocupações humanas, mas não excessivamente vanguardistas ou herméticos.
- Gêneros: policial, ficção científica, histórias sentimentais (faixa mais jovem); introspecção psicológica, realismo social (faixa mais adulta).
- Rudimentos de história literária e de análise textual.

ESTRATÉGIAS SUGERIDAS:

- Promover debates em classe ou extra-classe sobre questões culturais do País, a partir de leituras realizadas.
- Ler os títulos fundamentais da cultura ocidental e brasileira, prestando contas por escrito de cada leitura, individualmente ou em grupo.
- Incentivar a participação de classe em seminários sobre literatura ou promoções correlatas: encontro com autores, conferências, etc.
- Colocar cada texto como um desafio, que provoque polêmicas e tomadas de posição, evitando selecionar o texto morno, inócuo ou mediano.
- Dotar o aluno de instrumental mínimo para a interpretação do texto: discriminar temas, relacionar ações e trama, personagens e ações, recursos da linguagem poética.
- Estimular o conhecimento do contexto de cada título (histórico, social e econômico).
- Levar o aluno a perceber os sistemas de idéias por trás dos textos (idéias que são aceitas, as que são contestadas, as colocadas em dúvida).
- Treinar o aluno a perceber valores artísticos, como verossimilhança, necessidade, economia, ambigüidade, coerência, partindo de exemplos concretos.
- Treinar o aluno no distanciamento crítico, de modo a que reconheça o que o texto diz e o que diz a ele, especificamente, separando impressões subjetivas de fatos objetivos.

- Treinar o aluno a recorrer à história da literatura, à crítica literária, sempre que necessitar de apoio para a compreensão ou interpretação de um texto.
- Veicular noções de história literária não só nacional, mas estrangeira, para que o aluno possa se localizar no tempo e no espaço de suas leituras.
- Dar preferência à expressão escrita, dissertativa, sempre que o aluno for solicitado a analisar ou emitir um juízo sobre um texto.
- Efetuar exercícios de criação literária, ao estudar os elementos e gêneros da produção artística, iniciando com reescrita de textos curtos, paródias, cópia de padrões com situações modificadas, até chegar à originalidade.

AVALIAÇÃO

- Observar o envolvimento do aluno nas atividades propostas.
- Verificar a correção do emprego de terminologias e classificações.
- Verificar a participação efetiva do aluno nos relatórios de leitura.
- Apreciar o domínio, na prática, das noções de história literária e de teoria literária e sua aplicação adequada.
- Medir a objetividade no estudo dos textos.
- Verificar se o aluno busca apoio bibliográfico para seus trabalhos e sabe empregá-lo sem distorções ou sem usá-lo como substitutivo a sua contribuição pessoal.
- Valorizar o esforço de criação que evidencie estruturação aceitável da composição, desempenho lingüístico satisfatório.
- Valorizar juízos fundamentados em dados objetivos.